



também conferência em  
Palácio Foz  
Belas Artes Lisboa  
Lisboa, Portugal, 2000  
Omar Galliani  
Emanuel Dimas de Melo Pimenta

**título: OMAR GALLIANI**  
**autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta**  
**ano: 2000**

**Omar Galliani, arte, estética**  
**editor: ASA Art and Technology UK Limited**  
© Emanuel Dimas de Melo Pimenta  
© ASA Art and Technology

**[www.asa-art.com](http://www.asa-art.com)**  
**[www.emanuelpimenta.net](http://www.emanuelpimenta.net)**

*Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do auto deverá ser sempre incluído.*

Falar de *pintura* no final do século XX, princípio do terceiro milénio, é, para dizer o mínimo, uma tarefa arriscada. Ainda mais para alguém que não é um especialista em pintura, nem crítico de arte. Isto é... falar de uma imagem bidimensional enquanto obra de arte, depois de termos vivido as permanentes desconstruções realizadas por Marcel Duchamp, por Joseph Beuys...

Mas! Ainda *olhamos*, ainda possuímos esse dom perceptivo de abordar uma imagem de uma única vez, como se de um *yantra* se tratasse. O que quer dizer que fazer uma obra de arte através da pintura se tornou algo muito mais difícil, muito mais subtil.

Tudo aquilo que *vemos* está impregnado daquilo que somos – isto é a nossa capacidade de *ver*, de apreender a *forma*. Quando admiramos uma montanha, uma tela de Caravaggio ou um desenho de Hokusai, lá estarão presentes a televisão, os computadores, os telefones, a vida das grandes cidades, aquilo que amamos e aquilo que não suportamos. É o espelho do espelho. Pois tudo forma a nossa *schemata*, tudo forma aquilo que *percebemos*, aquilo que *somos*. Tudo é *inteligência*.

As leis da Natureza são, antes, a nossa maneira de conhecer as coisas – para recordar Emanuel Kant e Werner Heisenberg.

A *diferença* não estará naquilo que somos – com o quê impregnamos aquilo que acreditamos ser a Natureza – mas a que ponto que o que *vemos* quebra, de alguma forma, tal eixo de simetria ao nível cognitivo. Isto é, onde estará, naquilo que é o espelho do espelho, o mistério, a surpresa, o insondável das nossas almas, o nosso encantamento, ou o que tão fácil e vulgarmente chamamos de *amor*.

As obras de Omar Galliani: grandes superfícies onde o ouro se surpreende com imagens quase fotográficas, momentos congelados, *flashes*, relâmpagos do quotidiano, do tempo sem tempo.

Num certo sentido, lembro a escrita automática, o mundo dos sonhos, o eterno conflito estabelecido por René Magrite, os vigorosos traços *sem pensamento* de Jackson Pollock. Tudo junto. Como se a mente humana realizasse *close-ups* sobre detalhes de corpos, luzes, sombras,. movimentos, braços, olhos – tudo congelado num instante único, numa geografia cuja escala não permite leituras óbvias, directas, claras, simples.

É a leitura mais directa possível, absolutamente directa, tão directa que dentro dela encontramos exactamente os traços da *schemata*, da televisão, dos computadores, dos telefones, da vida das grandes cidades, de tudo o que ainda não somos nós. Partículas de outras existências, vidas que integram a nossa *ideosfera*, mas que estão num outro tempo, noutra lugar. Esse *tempo espaço* que também é nosso, mas que, paradoxalmente, ainda não é – que nos faz encantar como algo que julgamos pertencer, que nos é comum, mas que ainda não existia.

«Sabes que o espectador é o último dos anéis que recebe a sua força do imã original, passando de um ao outro?» – perguntava Sócrates – «A divindade, através de todos os seus intermediários, move a alma humana para onde quer...».

Diante das obras de Omar Galliani somos, novamente, espectadores da Natureza.